



## **Garimpendo palavras: produção e circulação de conhecimento no século XIX a partir do gesto de autoria de Alencar**

### ***Digging for Words: the production and circulation of knowledge in the 19th Century from the gestures of Alencar***

Vanise Medeiros

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

vanisegm@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-6998-9377>

Thais Costa

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, São Paulo / Brasil

araujo\_thais@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-8599-3528>

Raphael Mendes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

raphael\_mendes@live.com

<http://orcid.org/0000-0002-7256-0707>

**Resumo:** Com este artigo, que se ancora na Análise de Discurso materialista na sua relação com a História das Ideias Linguísticas, partimos de um conjunto de notas produzidas por Alencar para os romances *Iracema* e *O Guarani* as quais tinham como característica comum a referenciação explicitada de suas fontes. Nossa proposta foi a de ir em busca de um horizonte de retrospecto projetado nas notas, a fim de refletir sobre a (re)produção e a circulação do conhecimento a partir das notas. Para a análise das relações entre as notas e suas fontes, lançamos mão ainda do aparato teórico-analítico de Authier-Revuz, o que nos permitiu observar o jogo que aí se tece entre o que se atribui a si e ao outro em suas diferentes formas e funcionamentos. O percurso de análise empreendido nos permitiu observar os gestos de autoria do escritor sobre a língua.

**Palavras-chave:** notas de José de Alencar; horizonte de retrospectção; autoria; História das Ideias Linguísticas; Análise de Discurso materialista.

**Abstract:** With this article, which is anchored in the Analysis of Materialist Discourse and in its relation with the History of Linguistic Ideas, we started from a set of notes produced by Alencar for the novels *Iracema* and *O Guarani* which had as their common characteristic the explicit referencing of their sources. Our proposal was to go in search of a retrospection horizon projected in the notes in order to reflect on the (re) production and circulation of knowledge by the notes. For the analysis of the relationships between the notes and their sources, we also used Authier-Revuz's theoretical-analytical apparatus, which allowed us to observe the dynamic that is woven between what is attributed to you and the other in its different forms and functions. The analysis path undertaken allowed us to observe the author's gestures about the language.

**Keywords:** notes by José de Alencar; horizon of retrospection; authorship; History of Linguistic Ideas; Materialist Discourse Analysis.

Recebido em 15 de outubro de 2020

Aceito em 28 de dezembro de 2020

Observar a história dos discursos, os percursos que eles realizam, leva a compreender a produção do conhecimento.

(NUNES, 2008, p. 87)

## 1 Primeiras palavras

É longo e complexo o processo de dicionarização brasileiro. Somente nas décadas de 30 e 40 do século XX teremos no Brasil o aparecimento dos primeiros dicionários apresentados como brasileiros (NUNES, 2002, p. 110). Tal processo não se fez sem, por exemplo, dicionários parciais produzidos no século XIX por brasileiros e publicados no Brasil,<sup>1</sup> tampouco sem vocabulários e glossários que lhe foram contemporâneos ou anteriores. As inúmeras e extensas notas de José de Alencar (1829-1877), comportando saberes sobre as línguas

---

<sup>1</sup> Por dicionários parciais, Nunes (2006, p. 205) indica pequenos dicionários monolíngues, como os de regionalismos, caso de Coruja (1853). São, ainda, dicionários ou vocabulários que “complementam os dicionários portugueses” (NUNES, 2010, p. 10), caso de Costa Rubim (1853).

em solo brasileiro ao lado de saberes outros vários sobre as gentes, os costumes, as terras, as culturas, a fauna e a flora, se inscrevem, de forma saliente e distinta, neste processo de produção dicionarística. Elas resgatavam, produziam e faziam circular saberes postos às margens de romances, transitando, assim, por espaços nos quais muitas vezes instrumentos linguísticos<sup>2</sup> não compareciam.<sup>3</sup> No caso das notas aqui em foco, a saber, aquelas dos romances *O Guarani* (1857) e *Iracema* (1865)<sup>4</sup> em que comparecem representações de dizeres (de) outros, se faz ainda notar sua inscrição em uma das primeiras práticas lexicográficas produzidas no Brasil, qual seja, a das

listas de palavras português-Tupi e Tupi-português, como listas de nomes de plantas e animais, de partes do corpo humano, de objetos da cultura indígena, dentre outras. Essas listas de palavras deram origem aos primeiros dicionários brasileiros, que foram dicionários bilíngues português-Tupi elaborados por missionários jesuítas dos séculos XVI ao XVIII. (NUNES, 2010, p. 9.)

Em poucas palavras, uma prática que se inscreve na produção de dicionários bilíngues – institucionalizada no Brasil Imperial (NUNES, 2006) – e que, alinhando-a ao projeto literário romântico, Alencar faz significar em um momento de descolonização linguística<sup>5</sup> ao dizer sobre

---

<sup>2</sup> Conforme Auroux (1992), “instrumentos linguísticos são tecnologias que descrevem e instrumentalizam uma língua e prolongam a ‘competência’ do locutor, dando acesso respectivamente a um corpo de regras e a um conjunto de palavras que um mesmo locutor não domina completamente” (AUROUX, 1992, p. 69, aspas do autor).

<sup>3</sup> Ademais, não se pode deixar de considerar o valor performativo de tais saberes inscritos em um romance, isto é, de fazer saber tais saberes, funcionando de forma a torná-los evidentes.

<sup>4</sup> Nessas obras, as notas comparecem como uma espécie de apêndice, são notas de fim encontradas, em *Iracema*, após o romance e antes do posfácio e, em *O Guarani*, após cada uma das três partes do romance, fazendo, em ambos, referência à página em que o termo de entrada apareceu pela primeira vez.

<sup>5</sup> Orlandi (2009, p. 172) define o processo de descolonização linguística como o imaginário no qual se dá um acontecimento linguístico “sustentado no fato de que a língua faz sentido em relação a sujeitos não mais submetidos a um poder que impõe uma língua sobre sujeitos de uma outra sociedade, de um outro Estado, de uma outra Nação”. Trata-se, em outras palavras, do processo por meio do qual a língua passa a ser significada como “signo de nacionalidade, ou seja, em sua relação com a nação” (ORLANDI; GUIMARÃES, 2001, p. 24) e, portanto, com os sujeitos a ela identificados.

a chamada cor local. Nas notas de tais romances, línguas indígenas estão, sobremaneira, em foco, diferentemente do que ocorre em outros romances do autor, como *Diva* ou *O Gaúcho*.

O objetivo geral deste artigo é, então, à luz da Análise de Discurso materialista na sua relação com a História das Ideias Linguísticas, compreender o funcionamento do gesto de autoria de Alencar no que concerne à mobilização de dizeres (de) outros, especialmente, sobre aquilo que os românticos chamaram de cor local, tendo como *corpus* as notas de Alencar nos romances aludidos. Com isso, a partir da descrição do horizonte de retrospecto<sup>6</sup> projetado pelas notas inscritas nesse nome de autor, buscaremos também, em última análise, refletir sobre a (re)produção, circulação e formulação do conhecimento (científico) no/do Brasil no século XIX. Para tanto, com vistas a mapear as redes de filiações significativas em que se inscreve ao se significar/ser significado como autor de romances românticos indianistas e como intelectual brasileiro, buscaremos responder às seguintes perguntas: (i) que tipos de alteridade se fazem presentes nas notas de rodapé dos romances de Alencar?; (ii) a quem o autor romântico dá a palavra ou que autores e, por conseguinte, que saberes (não) podem e (não) devem em suas obras comparecer?; (iii) como se dá em seu dizer a representação do dizer (do) outro?; (iv) o que esse comparecimento nos diz sobre as condições de (re)produção, circulação e formulação do conhecimento (científico) no/do Brasil no século XIX?; e (v) como funciona nas notas o gesto de autoria da posição sujeito lexicógrafo que nelas se inscreve? Com efeito, é necessário dizer que tal empreendimento não se deu sem um trabalho de garimpo sobre o gesto de garimpo de um grande pesquisador de gabinete, como era conhecido Alencar.<sup>7</sup>

## 2 Do arquivo e da garimpagem

Ler as notas de Alencar e ir em busca dos livros indicados por Alencar, perseguir as fontes, confrontar as partes referidas com aquelas

---

<sup>6</sup> Este conceito, tomando como referência Auroux (1992), diz respeito ao fato de que o conhecimento guarda necessariamente uma relação com a temporalidade. Ou seja, há a construção de uma certa memória na produção do conhecimento, uma vez que “todo conhecimento é uma realidade histórica” e que “sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber.” (AUROUX, 1992, p. 11-12).

<sup>7</sup> As notas deixam entrever uma longa e árdua pesquisa de Alencar em documentos e fontes antigos. Daí a metáfora do garimpo no gabinete.

indicadas nas notas. Essa foi a garimpagem empreendida com esta pesquisa a partir das pistas nas notas de Alencar. Há ainda um outro gesto de garimpagem sobre o qual o nosso se deteve: o gesto de garimpar palavras – eis uma imagem-síntese do trabalho que, da posição sujeito lexicógrafo pesquisador, empreendeu Alencar, ao se debruçar sobre línguas e sobre línguas indígenas brasileiras. As notas de rodapé que estão dispostas em *O Guarani* e *Iracema* são tomadas como verbetes (MEDEIROS, 2019b), uma vez que funcionam como glossários e se constituem, desta maneira, como instrumento linguístico. Neles se assume que a produção de saberes sobre a língua pelo escritor afeta o imaginário de língua. Dizem sobre a língua, etimologia, fauna, flora e os mais diversos saberes sobre a configuração brasileira no século XIX.

O processo de seleção, leitura e recorte, denominado por nós como “garimpo” dos documentos que constituem o arquivo sobre o qual nos debruçamos neste artigo se deu em três etapas, a saber: a escavação do solo, a purificação do minério e a transformação em barra. Em analogia com a garimpagem, a primeira etapa consiste no uso do maquinário para extração do minério ainda em estado bruto do solo, fazendo escavações e adentrando as suas mais diversas camadas. Em um segundo momento, é realizado um trabalho de separação dos cascalhos e impurezas, adicionando mercúrio para formar uma liga com o material extraído, a fim de levá-lo ao fogo de modo que reste somente o metal precioso. Por fim, esse material é transformado em barras para que possa circular e ser vendido.

No que tange à “escavação do solo”, vemos, por exemplo, que, em suas vastas notas, o autor realiza gestos de busca, de mergulho em fontes, que traduz, cita e faz referências para validar o seu posicionamento. Assim, fez-se preciso ir às fontes indicadas.<sup>8</sup> Muitas, diversas, em várias línguas (francês e latim são duas delas). Foi necessário buscar a produção bibliográfica de cada autor e ir mapeando livro por livro indicado nas notas de Alencar a fim de encontrar a referida publicação. Um trabalho de escavação<sup>9</sup> para chegar aos títulos originais referidos por Alencar. Além disso, algumas entradas das notas, que estamos tomando como verbetes,

---

<sup>8</sup> E vale lembrar que o acesso a livros antigos não é tão simples, o que demandou uma busca em bibliotecas físicas e virtuais de obras em vários idiomas.

<sup>9</sup> Por muitas vezes, Alencar traduz o nome do livro, mesmo que ele não tenha sido publicado no Brasil, o que faz com que alguns dados sejam perdidos por conta da tradução ou da ocultação de algum termo importante, por exemplo.

também foram traduzidas, como é o caso de *Carbeto*, ou possuíam ainda grafias diferentes, caso de *Ibiapaba*. É preciso tempo para escavar, tempo para apurar, tempo para conferir, tempo para saber. Tempo da pesquisa.

No segundo momento, a purificação do minério – teste de fogo – significa procurar as primeiras edições dos materiais ou a versão citada pelo autor. O nosso objetivo era encontrar o fragmento da mesma edição utilizada pelo autor. Em um caso específico, porém, só foi possível achar uma reedição. Isso é importante porque, em versões outras ou mais recentes, muitas palavras, expressões e notas de rodapé são modificadas substancialmente e fazem com que se percam informações, dados e nuances que outrora compareciam em edições anteriores, afetando a (re) produção dos sentidos e de seus efeitos. Uma vez que investigamos o horizonte de retrospectão, debruçarmo-nos sobre os exteriores referidos pelo autor e usarmos o mesmo verbete em que se baseou para fazer as análises nos permite mapear e confrontar dizeres, considerando as condições de produção que determinam o dizer de Alencar.

Para terminar o garimpo, é o momento de transformar o metal refinado em barras. Ou seja, é momento de colocar o metal em circulação. No nosso caso, significa realizar um segundo e adensado gesto analítico sobre esses verbetes, ao observar rupturas e regularidades, ao enveredar, no nosso caso, pelo funcionamento no jogo de representação do dizer (do) outro, ao perseguir o gesto de autoria e, não menos importante, ao refletir sobre a produção e circulação dos conhecimentos a partir de Alencar.

### 3 Sobre cor local e alteridade

“É visível (...) o desejo do autor de lutar pela formação de uma consciência nacional, pela busca da chamada ‘cor local’”, afirma Citelli (1990, p. 52) sobre Alencar. Mas o que estaria em jogo quando se diz “cor local”? É a Alencar que recorreremos para responder a essa pergunta. Em “Benção paterna”, prefácio de *Sonhos d’Ouro*, diz o autor:

Onde não se propaga com rapidez a luz da civilização, que de repente cambia a cor local, encontra-se ainda em sua **pureza original**, sem mescla, esse viver singelo de nossos pais, tradições, costumes e linguagem, com um sainete todo brasileiro. Há, não somente no país, como nas grandes cidades, até mesmo na corte, desses recantos, que guardam intacto, ou quase, o passado. (ALENCAR, [1872] s/d, p. 21, negrito nosso.)

Em *Iracema*, é possível observar, conforme podemos ler no prefácio supracitado, o que seria a tal “pureza original”, “primitiva”, isto é, anterior ao contato com outros povos, notadamente europeus. Em *O Guarani*, temos um momento posterior em que se dá “o consórcio do povo invasor com a terra americana, que dele recebia a cultura, e lhe retribuía nos eflúvios de sua natureza virgem e nas reverberações de um solo esplêndido” (ALENCAR, 1857, p. 20). É desse contato com outras nacionalidades, dessa “luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira” (ALENCAR, 1857, p. 23), que se forma, nas palavras de Alencar, “a nova e grande nacionalidade brasileira” (ALENCAR, 1857, p. 22). Nesse processo, a independência política, associada à “cor local”, é concebida, como podemos ler no posfácio à 2ª edição de *Iracema*, como um fator determinante:

Quando povos de uma raça habitam a mesma região, a independência política só por si forma sua individualidade. Mas se esses povos vivem em continentes distintos, sob climas diferentes, não se rompem unicamente os vínculos políticos, opera-se, também, a separação nas ideias, nos sentimentos, nos costumes, e, portanto, na língua, que é a expressão desses fatos morais e sociais. (ALENCAR, [1870] s/d, p. 114-115.)

Especificamente sobre a questão linguística – que se coloca nesse imaginário como, diremos, uma questão de descolonização linguística –, considera ainda Alencar residir no “espírito popular” o germe da tendência incontestavelmente existente no Brasil, “não para a formação de uma nova língua, mas para a transformação profunda do idioma de Portugal” (ALENCAR, [1870] s/d., p. 114). Daí concluir o prefácio de *Sonhos d’Ouro* com a seguinte questão: “O povo que chupa o caju, a manga, o cambucá e a jabuticaba, pode falar uma língua com igual pronúncia e o mesmo espírito do povo que sorve o figo, a pera, o damasco e a nêspera?” (ALENCAR, [1872] s/d, p. 28).

Posto isso, ousamos afirmar que “cor local” diz daquilo que, do lugar do escritor romântico, considera-se constituir a nacionalidade brasileira. Tal nacionalidade, no entanto, ainda em processo de formação, é delineada na relação e no confronto com outras nacionalidades, colocando, assim, em jogo a diferença, diferença esta estabelecida nas fronteiras – sempre porosas – entre o interior e o seu exterior constitutivo, no batimento e no atravessamento entre o nacional e o estrangeiro, entre o um e o outro.

Que todo dizer é atravessado por outros dizeres, por algo que fala “antes, em outro lugar e independentemente”, nos ensina Pêcheux (2009, p. 149), lembrando-nos ainda de que as evidências a partir das quais se produz o efeito de que “todo mundo sabe” e, por conseguinte, a ilusão de transparência e de completude da linguagem são produtos do funcionamento ideológico. Mas as evidências, no que concerne à identidade nacional, ainda não estão postas quando se trata de uma “sociedade nascente”, de “povos não feitos”, para jogarmos com expressões de Alencar no prefácio supracitado, fazendo-se, pois, necessário dizer sobre o que se toma por seus traços distintivos para significá-la.

Como anunciamos anteriormente, neste artigo, nos propomos a refletir sobre as notas<sup>10</sup> presentes em dois romances de Alencar, *Iracema* e *O Guarani*, ambos publicados no século XIX. Trazemos para esta reflexão, todavia, não quaisquer notas, mas, na esteira de Authier-Revuz (1990) no tocante à relação entre heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, especificamente aquelas que, funcionando como glossários, representam de diferentes formas dizeres (de) outros. Sobre o funcionamento das notas no período em questão, convém recordarmos o que pontua Medeiros (2020) especificamente sobre as notas de rodapé, e que é também pertinente em relação às notas de fim aqui analisadas. Diz a autora:

Os rodapés falam muito no século XIX. Falam nos jornais, com seus folhetins que se dirigiam a um público vasto, falam nos livros de história, nos romances, nas poesias. Falam, falam, falam... tagarelam, discutem, debatem, argumentam, contestam, bravejam, citam, questionam, divulgam, alardeiam, instauram, acolhem e repelem ideias, propostas, opiniões. As notas atordoam, revelam, omitem, trapaceiam. Espaço de agitado de vozes e silêncios ruidosos. Espaço outro de escrita e de leitura. (MEDEIROS, 2020, p. 213.)

As notas-glossário sobre as quais aqui nos debruçamos não são diferentes. Filiam-se ao imaginário que se institui com o projeto literário romântico e contribuem para a constituição disso que se toma

---

<sup>10</sup> As notas, presença quase constante nos romances do século XIX, podem comparecer ao pé de página ou ao final.

por identidade nacional. Assim, ao dizerem sobre a “cor local”, como pontuamos anteriormente, dizem sobre línguas indígenas e sobre outras línguas com as quais se relaciona a língua no/do Brasil, dizem sobre a fauna e a flora brasileira, sobre os rituais e os costumes indígenas e sobre o que dizem outros enunciadores, brasileiros e estrangeiros, a partir do lugar daquilo que à época se tinha por ciência. É, portanto, tendo em vista essa tagarelice que consideramos que as notas, ao mesmo tempo que funcionam como sintoma da não transparência e completude da linguagem e, portanto, como lugares de dispersão dos sujeitos e dos sentidos, buscam contornar esse funcionamento, como explica Medeiros (2016, p. 261), a partir da leitura de Authier-Revuz, promovendo “a demarcação da alteridade (...) dentro e às margens do texto”.

Alteridade é uma noção importante que assume diferentes concepções, conforme o terreno teórico onde se situa. Em Authier-Revuz,<sup>11</sup> ela é pensada e articulada a partir de uma heterogeneidade fundante que constitui o sujeito, efeito da linguagem. Uma heterogeneidade que lhe é constitutiva, a qual não se tem acesso e com a qual se lida no complexo jogo da denegação e da representação de uma heterogeneidade outra: a heterogeneidade mostrada, que pode ser ou não marcada no dizer. Esta, mostrada, se instaura no jogo imaginário – sujeito a falhas e tropeços – que se estabelece entre um dizer que se considera do outro e um que se considera de si. Um jogo que trabalha a relação com o outro, que tece uma imagem do outro e que denuncia uma imagem de si, o que pode se dar pelas várias formas de representação do discurso outro (RDA, conforme AUTHIER-REVUZ (2020), aqui traduzida por RDO) e/ou ainda pelas outras várias formas de modalização autonímica, denunciando as não coincidências do dizer.<sup>12</sup> É no que concerne à heterogeneidade mostrada, no que ela traz do encontro e do trabalho com o que vai sendo posto como do outro (em minúsculo, diferentemente do Outro<sup>13</sup> da heterogeneidade constitutiva) que podemos tecer uma relação com a alteridade de que fala Aurox (1992).

---

<sup>11</sup> São várias os textos de Authier-Revuz nos quais nos apoiamos, conforme se lê na bibliografia.

<sup>12</sup> São quatro as não coincidências propostas por Authier-Revuz (1998, 2000): interlocutiva, interdiscursiva, entre as palavras e as coisas e das palavras consigo mesmas.

<sup>13</sup> Outro, não localizável e não representável, “onde estão em jogo o interdiscurso e a ideologia” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 32).

Conforme este autor e considerando aqui nosso objeto, os glossários nascem de uma alteridade que lhes antecede: texto outro ou língua outra, por exemplo, que se deseja desvendar, conhecer, apreender. A alteridade diz respeito, então, em Auroux (1992), ao outro que lhe antecede,<sup>14</sup> ou seja, ao outro, tecido no imaginário da atividade languageira. Com efeito, lançar mão do aparato teórico de Authier-Revuz colabora para compreensão de como vai sendo costurada na língua uma relação que delimita os espaços do outro. Neste sentido, não podemos nos esquecer de que ir em busca do horizonte de retrospectção significa percorrer as pegadas que antecedem e constituem a tal ou qual saber linguístico. E resulta, com isso, em mergulhar nas relações entre os dizeres e nas formas como comparecem no dizer. As reflexões de Authier-Revuz, em seus diversos textos, nos permitem ainda ir além, uma vez que possibilitam observar as imagens de si neste tenso jogo entre o que se atribui a si e ao outro, ou seja, ajudam, na análise do nosso *corpus*, a refletir sobre o lugar de autoria em se fazendo na relação com os outros dizeres.

#### 4 O jogo da representação do dizer (do) outro

“Toda enunciação, então, se inscreve deliberadamente ou inocentemente em um horizonte de completude”<sup>15</sup> – trazemos de Flauhaut (1978, p. 101) para lembrar o intrincado jogo que se tece na enunciação na ilusão de uma separação entre, lançando mão de Authier-Revuz (1990), um dizer que seria de si de um dizer que seria do outro e que, assim, sustenta a ilusão de um domínio de seu dizer. Marcar, indicar, discriminar o que advém de outra enunciação, então, parte deste mecanismo que caminha de braços dados com o horizonte de uma (in)completude, ainda que se indique o não-tudo dizer. Se faz parte do labor do historiador ou do pesquisador, por exemplo, não se pode não observar que fez parte do trabalho de Alencar também em seus romances e, portanto, do seu gesto de autoria. Ao ler as notas de Alencar que, com suas diversas instâncias de referenciação, nos revelam, como dissemos, uma densa atividade de leitura e de garimpagem, deparamo-nos com a história das leituras (re)produzidas pela posição-

---

<sup>14</sup> E sobre a distinção da noção de alteridade em Auroux e em Authier-Revuz, cf. Medeiros (2019a).

<sup>15</sup> Do original: “Tout énonciation, donc, s’inscrit délibérément ou naïvement dans un horizon de complétude”.

sujeito leitor inscrita sob o nome Alencar em se fazendo significar na história do dizer (re)produzido a partir da posição-sujeito autor.<sup>16</sup> Aqui privilegiamos o conjunto dessas notas que se debruça sobre a língua, compondo um glossário, embora não nos tenhamos limitado somente a ele. Para nossa análise, de uma seleção de vinte e nove verbetes em que comparece uma representação explícita do dizer (do) outro, isto é, em que se encontram formas mostradas e marcadas no fio discursivo, e referidas, ou seja, a cuja exterioridade se faz remissão,<sup>17</sup> procedemos à análise sobre um *corpus* de exemplificação, conforme Mazière,<sup>18</sup> constituído por cinco verbetes que portam especificidades na relação com a alteridade. São, pois, as seguintes voltas sobre palavras, expressões, sintagmas em notas, situadas ao final das partes do livro ou mesmo ao final do livro, que constituem as entradas/verbetes do que sinalizamos como glossário de Alencar: *carbeto*, *ibypaba*, *inubia*, *cabuiba* e *saio de algodão*. As três primeiras de *Iracema*; as demais de *O Guarani*.

Citações, discurso indireto, aspas sobre palavras ou sintagmas, discurso segundo, modalização autonímica, denunciam trajetos de leitura, trajetos de formulação e de circulação de saberes. São marcas enunciativas que dão a saber das fontes e do modo como com elas se relaciona a posição-sujeito lexicógrafo que se inscreve nas notas. É preciso lembrar que as notas nestes romances funcionam também como um importante espaço de ligação entre o que se indica como fonte e o que e como nelas se discursiviza. Atravessadas por uma heterogeneidade que se apresenta e se representa em suas formulações, elas iluminam um diálogo, diríamos, de pares, na medida em que são trabalhadas seja no tocante a uma aquiescência dos sentidos – que não se dá sem reflexão e sem inscrição de autoria –, seja no que tange a uma discordância, seja ainda nos cortes e deslocamentos que promove.

---

<sup>16</sup> Costa (2019) nos fala de uma relação indissociável entre gesto de leitura e gesto de autoria. Segundo a autora, “o gesto de autoria, a significação do sujeito em autor, é determinado não só pela memória do dizer, mas também por esta na sua relação com a memória social de leitura (NUNES, 1998), colocada em funcionamento quando da significação do sujeito em leitor, e, por conseguinte, pela história das leituras (ORLANDI, 2007) por este (re)produzidas” (COSTA, 2019, p. 86).

<sup>17</sup> Estamos considerando aquelas em que são indicadas as fontes no corpo das notas.

<sup>18</sup> Trata-se de uma noção feita por Francine Mazière em conversa com Vanise Medeiros que diz respeito à montagem de um *corpus* para pensar tanto questões teóricas quanto para iluminar e refletir sobre determinados aspectos concernentes ao objeto em estudo.

Nas notas fala-se *com*, fala-se *de* e fala-se *sobre* as palavras do outro, para lançarmos mão de algumas das especificações que Authier nos possibilita ao mapear, exaustivamente, as formas de heterogeneidade marcada. No caso das notas em Alencar aqui recortadas em função de referirem a um horizonte de retrospectão, o que se destaca sobremaneira é um trabalho que se situa no campo da representação do discurso outro (RDO, cf. AUTHIER-REVUZ, 1999, 2001, 2020), e, por vezes, de modalização autonímica. Em geral, de uma modalização que faz fronteira com a RDO (cf. AUTHIER-REVUZ, 1999), qual seja, aquela que diz respeito à não coincidência do discurso consigo mesmo,<sup>19</sup> isto é, que assinala para a presença de outros discursos. Mas não apenas. São notas que vão em busca de fontes de outros que aqui estiveram e se lançaram à tarefa de compreensão do que para eles, europeus, se apresentava como um mundo a descrever, a compreender. Neste sentido, nelas comparecem, com efeito, a não coincidência entre as palavras e as coisas; uma não coincidência que decorre do gesto de nomeação.

Nosso caminho de análise será, como anunciamos, um estudo de cinco casos. Passemos ao primeiro

#### 4.1 Carбето

Começemos lendo a nota de Alencar, em *Iracema*, e, em seguida, o fragmento extraído (no trabalho de garimpagem que resgata do texto em francês e pela palavra *carbet* aquela outra, *carbeto*, que se acha em Alencar) da fonte à qual a nota se refere, a saber, o livro *Viagem ao norte do Brasil* de Ives D'Evreux, um naturalista e religioso que percorreu o norte do Brasil no século XVII:

II.—*Carбето*.—Especie de serão que fazião os indios á noite em uma cabana maior, onde todos se reunião para conversar. Leia-se Ives D'Evreux: *Viagem ao norte do Brasil*.

Fonte: Alencar (1865, p. 186).

<sup>19</sup> Cf Authier-Revuz (1999), a modalização autonímica não pertence ao quadro da RDO, mas há uma relação de interseção (e não de inclusão) entre tais formas. É neste espaço de fronteira que entram as formas de não coincidência do discurso consigo mesmo, ou ainda, como ela denomina, da não coincidência interdiscursiva.

Chacun l'environnoit pour l'escouter quand il alloit au Carbet. p. 55.

C'est un Tabajara qui parle, mais nous ferons observer que le mot *Carbet* n'appartient pas à la *lingoa geral*. Le P. Ruiz de Montoya ne l'a pas inséré dans son précieux *Tesoro de la lingua Guarani*. Il est plus particulièrement en usage parmi les Galibis et d'autres peuples de la Guyane. Le voisinage de notre colonie se fait sentir dans le récit du P. Yves, rien que par cette expression. Il faut faire une certaine différence entre les Carbets et les *Ocas* ou *Tabas*, qui constituaient l'architecture rudimentaire des autres peuples du Brésil. Écoutons à ce sujet le P. du Tertre: „Au milieu de toutes ces cases, ils en font une grande commune qu'ils appellent *Carbet*, laquelle a toujours 60 ou 80 pieds de longueur et est composée de grandes fourches hautes de 18 ou 20 pieds, plantés en terre. Ils posent sur ces fourches un latanier ou un autre arbre fort droit qui sert de fait, sur lequel ils ajustent des chevrons qui viennent toucher la terre, et les courent de roseaux ou de feuilles de latanier, de sorte qu'il fait fort obscur dans ces Carbets, car il n'y entre aucune clarté que par la porte, qui est si basse qu'on ne sauroit y entrer sans se courber.“

Les détails que nous venons de donner ici sont empruntés à un ouvrage qui date de l'année 1643, et ils se rapportent plus spécialement à l'architecture rustique des Caraïbes insulaires. Nous avons choisi cet exemple à peu près contemporain du livre publié par notre auteur, parce que il n'y avait pas en réalité de notables différences entre les Carbets des îles et ceux du continent. Si l'on faisait une histoire de ces cases de feuillage si promptement élevées, on pourrait en constater néanmoins certaines variétés, selon les usages auxquels on les destinait. (Voy. à ce sujet, *le voyage pittoresque au Brésil de Debret*, puis les gravures du livre d'André Thevet, publ. en 1558.) Il y avait les petits et les grands Carbets, ceux où les Piayes faisaient leurs jongleries, et ceux où se tenaient les grands conseils. Ces derniers affectaient la forme d'un de nos vastes hangars, et pouvaient contenir jusqu'à 150 ou 200 guerriers. Au XVII<sup>e</sup> siècle, dans le langage de nos colonies, parmi les îles ou sur le continent, tenir un conseil quelconque, c'était *Carbeter*; le terme était consacré et se trouve dans tous les voyageurs. (Voy. entre autres Biet, *Voyage de la France équinoxiale*. Paris, 1654, in-4.)

Fonte: D'Evreux (1864, p. 406-407).

As fontes em Alencar percorrem o universo científico da época, no qual os naturalistas têm destaque ao lado de historiadores, e denunciam a posição-sujeito pesquisador. Não são obtidas por um trabalho de contato com indígenas, como ocorre, por exemplo, com Taunay, mas nos livros vários em que mergulha e referencia.<sup>20</sup>

<sup>20</sup> Daí uma de suas alcunhas: pesquisador de gabinete.

Longo trecho no livro em nota de Ferdinand Denis,<sup>21</sup> um importante historiador do século XIX, no livro de D'Évreux, no qual nos deparamos com camadas arqueológicas de circulação de dizeres e de atribuição de sentidos a um léxico posto como advindo de língua indígena. Fala atribuída a um tabajara, recusa do pertencimento de tal léxico a uma língua geral, a explicação é dada da posição-sujeito de saber do europeu. Se o indígena fala (*C'est un Tabajara qui parle*), é ao europeu que devemos escutar: *Écoutons à ce sujet le P. de Tertre* introduz uma longa citação acerca do que se chama *carbet*; léxico, portanto, capturado, grafado e significado em francês, língua europeia. Gestos significativos de silenciamento do outro nas formas de atribuição de dizer (do) outro (no caso, do indígena); afinal a voz a ser escutada é aquela posta no lugar do saber europeu.

Neste fragmento se assinala para uma construção diferenciada das ocas e das tabas, se descreve como seriam os *carbets*, se indica a circulação dos termos, no século XVII, nas colônias francesas e nos relatos dos viajantes e se define o verbo *carbeter*: *tenir un conseil quelconque, c'était Carbeter*. Se confrontarmos com o que lemos na nota de *Iracema*, de imediato, observamos o gesto de autoria sobre a fonte. Uma volta ao substantivo, agora para o léxico posto em língua portuguesa (*carbeto*), um enunciado definidor que acena não mais para uma construção mas para um *serão* (substantivo) e uma *reunião para conversar*. É interessante observar na introdução do verbete a expressão *Espécie de*. Por um lado, *espécie de* nos joga num universo de outras possibilidades, ou melhor, nos remete para um conjunto de outros termos possíveis agasalhados por um hiperônimo, inscrevendo assim um pré-construído.<sup>22</sup> Por outro lado, *espécie de* não deixa de trabalhar uma imprecisão, uma falta de justeza. É como se tateasse no dizer, no léxico trazido de um universo que não aquele indígena, o que se pode notar no movimento parafrástico em busca de precisão – *serão à noite, reunião para conversar*. Em outros termos, posto que uma definição funciona como glosa à palavra sobre a qual se volta, sobre esta podemos dizer que se inscreve uma não coincidência

---

<sup>21</sup> A capa do livro de Yves D'Évreux já indica que, ao final, constam notas elaboradas por Ferdinand Denis (1798-1890), historiador francês responsável por elaborar diversos estudos sobre a América do Sul e, em especial, o Brasil.

<sup>22</sup> A partir do qual o que se toma por “cor local” (aqui a língua e a cultura indígena) é delineado pela relação com o outro (a língua e a cultura europeia).

entre as palavras e as coisas. Falha e falta que dizem respeito também ao descompasso entre línguas no processo de nomeação.

Por fim, duas breves observações acerca do enunciado introdutor da fonte na nota: *Leia-se Ives D'Evreux: Viagem ao norte do Brasil*. Estamos diante de uma formulação que, seguindo Authier-Revuz (2001, p. 199), evoca um outro ato enunciativo sem informação sobre aquilo que neste outro lugar é enunciado. Tal remissão ocorre ainda após a definição do verbete. Estas são duas regularidades nas notas dos dois romances em foco que trabalham o lugar do outro como caucionando seu dizer. Em outras palavras, a referenciação a outros autores não encabeça a predicação relativa à palavra em foco, como vemos em algumas poucas notas;<sup>23</sup> ao contrário, o que encontramos com certa regularidade é uma fórmula (nome de entrada: definição + fonte) no qual uma enunciação alhures funciona como abonação ao que se diz e que vai de passo com o gesto de autoria que se apropria de outras enunciações como forma de atestação de seu dizer. Trata-se de um funcionamento comum ao discurso científico. Indo adiante, diríamos que as notas se inscrevem em uma formação discursiva científica que vai significar sujeitos e língua, para ficarmos com dois pontos importantes nas notas destes romances. Não podemos, neste sentido, não observar que glossários são instrumentos linguísticos que, como tal, servem à (re)produção e à circulação de conhecimento.

## 4.2 Ibyapaba

Uma nota encabeçada por palavra indígena, como tantas em ambos os romances, nas quais encontramos o gesto de decomposição da palavra e de busca de sua etimologia (cf. MEDEIROS, 2019b), um gesto que inscreve numa mesma prática científica lexicógrafos e naturalistas, com suas descrições e decomposições.

---

<sup>23</sup> Caso de *Quixeramobim*, que se inicia com “Segundo Dr. Martius, traduz-se...” (*Iracema*), ou ainda, para dar outro dos poucos exemplos que se tem, caso de *Curaré* (*O Guarani*), que começa com uma longa citação em francês.

Pap. 9.— *Ibyapaba*.— Grande serra que se prolonga ao norte da provincia e a extrema com Piauhy. Significa terra aparada. O Dr. Martius em seu *glossario* lhe attribue outra athmologia. *Iby*-terra — e *pabe* — tudo. A primeira porém tem a authority de Vieira.

Fonte: Alencar (1865, p. 166).

Definição que segue um padrão clássico (NUNES, 2003), em que se tem nome de entrada (*Ibyapaba*), nome cabeça (*Grande serra*) seguido de adjetiva (*que se prolonga ao norte da provincia e a extrema com Piauhy*). Após tal definição segue-se outra (*Significa terra aparada*) e, em seguida, marcam-se discursos (de) outros. Tal funcionamento, isto é, definição inicial seguida de discursos (de) outros, que se faz notar não apenas nesta nota-verbete,<sup>24</sup> se inscreve em um fazer lexicográfico que separa definição de comentários, citações ou mesmo de exemplos. Estes, quando comparecem (e cabe lembrar que nosso *corpus* reside sobre tal comparecimento), funcionam, grosso modo, como acréscimos posteriores, o que sinaliza para uma posição-sujeito lexicógrafo na qual a definição é produzida sob o efeito de um dizer monológico que trabalha o efeito da evidência: X é isto. Nesta, contudo, o que se segue são definição outra e conflito de interpretações posto entre Dr. Martius e Vieira, com a opção por Vieira. Vejamos Dr. Martius:

*Hibiappaba*, *Ipiapába* (Ceará, Cordilheira) — *iby* terra, *pabe* tudo.  
Terreno descoberto. Omne terra.

Fonte: Martius (1867, p. 501)<sup>25</sup>

De Dr. Martius, traz-se parte de sua definição (*iby* terra, *pabe* tudo) para refutá-la em prol de outra indicada como de Vieira,<sup>26</sup> que não se mostra mas se faz supor como tendo sido *terra aparada*. É interessante notar que “significa terra aparada” também comparece de

<sup>24</sup> Visto também em carbetto, por exemplo.

<sup>25</sup> Dr. Martius (1794-1868) foi um importante médico, botânico e explorador alemão que realizou uma expedição no Brasil com intuito de documentar a fauna e flora desta região, sendo a *Flora Brasiliensis* sua obra mais famosa.

<sup>26</sup> Não foi possível obter esta fonte, a despeito de inúmeras buscas.

forma definidora monologicamente. É ao seguir na leitura da nota que nos voltamos e a equivocamos: de onde provém tal definição? Da fonte em Vieira ou da posição lexicográfica das notas? Mais uma vez o gesto de autoria se faz notar no corte a partir da escrita outra, na equivocação das vozes na segunda definição e no deslocamento de *terra aparada*, em que se diz um trabalho sobre a terra, para a nomeação de um topônimo. Eis-nos diante de outro equívoco: quem nomeia tal serra?

### 4.3 Cabuiba

Recortar, da cadeia falada de línguas desconhecidas, e desenhar, a partir de tais recortes, palavras; grafar em uma língua estranha àquela que se escuta; impor a letra escrita a uma língua falada, eis o movimento que desde o século XVI viajantes, jesuítas, naturalistas, entre outros, efetuaram sobre línguas indígenas. Alteridade na escuta; alteridade na língua; alteridade no processo de objetivação da língua; alteridade que se inscreve na carne da palavra ao grafá-la. Alteridade que se impôs, no que se refere aos habitantes destas terras antes dos europeus, às suas línguas, às suas culturas. Alteridade que se impõe também em direção outra, isto é, em direção ao que seriam língua e sujeitos nacionais, incidindo sobre outras porções de língua falada em solo brasileiro. “A existência da escrita transforma profundamente o estatuto da fala humana”, nos lembra Auroux a partir de Platão (AUROUX, 1998, p. 69), isto para agudizar o gesto que incide sobre o que vai se promovendo e indicando como língua nacional; gesto do qual as notas são testemunhas, escritas. Observemos *cabuiba*.

**Cabuiba.** — A cabuiba ou cabareiba — *Balsamum Peruvianum* de Pison, *cabuiba iba* Marcgrave e *Miroxilem Cabriuva* de outros naturalistas — é uma arvore das nossas mattas de mais de cem palmos, e a que vulgarmente se chama arvore do balsamo.

Destilla um licor louro de um cheiro agradável, que dizem milagroso para cura de feridas frescas. (Gabriel Soares, B. Lisboa e Ayres de Casal).

Fonte: Alencar (1857, s.p.)

“O que define uma língua é a soma de seus equívocos, sobretudo quando eles não são frutos do acaso, mas sim fundados (...) na longa história desta língua”,<sup>27</sup> como nos fala Cassin (2012, p. 28). Em *cabuiba*, o equívoco da apreensão se lê na alternativa que inicia a predicação do verbete – *cabuiba* ou *cabureiba*. Um *ou* que não interroga, mas que abre para as duas possibilidades na relação de forças com aquilo que se nomeia – no caso, indicado como um já nomeado alhures – *cabuiba* ou *cabureiba* – e que vai ser renomeado, agora pela posição cientista naturalista na língua de sua ciência,<sup>28</sup> isto é, em latim – *balsamum peruvianum* e *miroxilem cabriuva*. Língua de valor na nomeação da natureza, esta vem em destaque, itálico; não corre no fio discursivo sem marcas que a iluminam em sua diferença, como se dá com *cabuiba*, *cabureiba* ou ainda como árvore do bálsamo. O itálico denuncia seu lugar outro.

Se na nomeação incide uma não coincidência entre as palavras e as coisas, como sabemos com Authier-Revuz (1997), aqui, neste verbete, se encontra, além desta, uma outra não coincidência, aquela do discurso consigo mesmo, “afetado pelo jogo em si mesmo de outros discursos” (AUTHIER-REVUZ, 1997, p. 259), que se faz ver na incisa que se dobra, como volta metaenunciativa, sobre a nomeação a partir de línguas indígenas – “*cabuiba* ou *cabureiba*” – trazendo a nomeação produzida do lugar de um discurso outro, aquele da ciência em latim. Neste verbete, a nomeação não se esgota na oposição entre duas posições discursivas postas a partir de língua indígena – *cabuiba*, *cabureiba* – e de língua latina – *balsamum peruvianum* e *miroxilem cabriuva*. Ela resgata ainda o que seria uma outra ordem de nomeação: “a que vulgarmente se chama árvore do bálsamo”, uma posição discursiva que remete para circulação do termo no território brasileiro. É esta nomeação na relação sinonímica com *cabureiba* que se lê nas referências feitas na nota de Gabriel Soares:

---

<sup>27</sup> Do original: “Ce qui définit une langue, c’est la somme de ses équivoques, surtout quand elles ne sont pas le fruit d’un hasard, mais qu’elles sont fondées, (...) dans la longue histoire de cette langue”.

<sup>28</sup> Não podemos esquecer que as ciências também instauram suas línguas; e elas mudam, como sabemos.

Não se podiam arrumar em outra parte que melhor estivessem as arvores de virtude que apoz das que dão fruto; e seja a primeira arvore do balsamo que se chama *cabureiba*; que são arvores mui grandes de que se fazem eixos para engenhos, cuja madeira é pardaça e incorruptivel. Quando lavram esta madeira cheira a rua toda a balsamo, e todas as vezes que se queima cheira muito bem. D'esta arvore se tira o balsamo suavissimo, dando-lhe piques até um certo logar, donde começa de chorar este suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões, que lhe mettem nos golpes; e como estão bem molhados do balsamo, os espremem em uma prensa, onde lhe tiram este licor, que ó grosso e da côr do arrobe; o qual é milagroso para curar feridas frescas, e para tirar os sinacs d'ellas no rosto. O caruncho d'este pão, que se cria no logar donde sahiu o balsamo, é preciosissimo no cheiro; e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas, que depois de seccas ficam de maravilhoso cheiro.

Fonte: Souza (1851, p. 195-196.)

Uma nomeação que trabalha a transparência do nome pelas suas propriedades – fazer cheirar a rua toda a bálsamo e ser milagrosa para curar feridas frescas – e que, em Aires do Casal ([1817] s/d),<sup>29</sup> agasalhada na categoria de “árvores resinentas”, recebe outros nomes, postos em itálico: *Cabureigba* – com o qual mais uma vez nos expõe a variação na língua indígena ou a equivocação na sua escuta –, e ainda *bálsamo-do-Espírito Santo*, no qual o determinativo (Espírito Santo) abre para outras espécies de árvores com tais qualidades.

Entre as árvores resinentas, notam-se o *Angico*, a que produz a goma copai, a da almêcega, a do beijoim, a do estoraque; e entre as que destilam bálsamo, nomeiam-se em primeiro lugar a do *Cabureigba*, mais conhecido pelo nome de *bálsamo-do-Espírito Santo*, a do *Cupaiba*, a do *Cumarú*.

Fonte: Casal ([1817] s.d., p. 58.)<sup>30</sup>

<sup>29</sup> Manuel Aires de Casal (1754-1821) foi um padre português, dedicou-se a estudar a corografia (geografia e história) brasileira e foi o primeiro a transcrever, impressa, a carta feita por Pero Vaz de Caminha.

<sup>30</sup> Não foi possível encontrar essa obra em sua 1ª edição. Na internet, encontramos apenas a edição disponibilizada pela biblioteca digital da PUC-Campinas, disponível no endereço: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Aires%20de%20Casal-1.pdf>. Acesso em: 10 set. 2020.

Uma flutuação na nomeação que também se evidencia em Bento Lisboa (*Balsamum ex-Peré, Ancabureiba sive Balsamum Peruvim, Pison, Cabuiba Iba, Mascgrave*) e nos assinala um tatear sobre o mundo que se abria aos europeus e que urgia nomear, compreender.

58° *Balsamum ex-Perú Ancabureiba sive Balsamum Peruvianum, Pison = Cabuiba Iba, Marcgrave*; he huma arvore de alta grandeza de oitenta a cem palmos, e mais de comprimento, de dous a seis e mais de grossura, cuja casca he cinzenta, grossa, manchada como de pontos ferrugineos, que contém hum licor louro; ferida na Lua cheia de Fevereiro e Março distila esse oleo conhecido por *Balsamo do Perú*: he macio no lavar; serve para obras que se confundem com o molgamo: a resina dá o cheiro de pastilhas.

Fonte: Lisboa (1834, Tomo I, p. 214)<sup>31</sup>

Nunes nos lembra que:

Ao se deparar com as coisas do Novo Mundo, o viajante não tem as palavras adequadas para descrevê-las. A realidade exige que o discurso se acomode a ela. Em tais condições, os referentes encontram-se em um outro lugar, a que poucos têm acesso. Por conseguinte, há um trabalho de nomeação em que se negocia a adequação das palavras às coisas. Ao admitir que não há essa adequação, essa coincidência, e distante da diversidade referencial que se apresenta, o viajante constrói um espaço de nomeação por meio de um trabalho que vai em direção à coincidência.

Segundo Authier-Revuz, na adequação entre as palavras e as coisas jogam duas forças: a força da língua e a força das coisas. (NUNES, 1994, p. 129)

As fontes em Gabriel Soares de Souza (1851), Aires Casal ([1817] s.d.), e Bento Lisboa (1834), nos jogam diante desta necessidade de nomeação e apreensão do que se descortinava.

<sup>31</sup> Bento da Silva Lisboa (1793-1864), nascido no estado da Bahia, foi um diplomata brasileiro e um dos membros fundadores do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – a mais antiga instituição de preservação da história do Brasil, fundada em 1838.

Voltando à nota em Alencar, nela lemos sobre sua característica (altura) e suas propriedades, já citadas, as quais se seguem parênteses que nos remetem às fontes. Tal como em *carbeto*, evocam-se, pelo nome, outros atos enunciativos que simulam um “eu falo pelo outro” na ilusão da reprodução de um dizer outro. Um funcionamento que vai comparecer no discurso da ciência, assim como no discurso dicionarístico para ficarmos com dois campos por onde transitam as notas produzidas pelo autor Alencar nestes romances.

#### 4.4 Saio de algodão

Lembramos, a partir de Authier-Revuz (2020, p. 253), com *cabuiba*, que, além da não coincidência entre a palavra e a coisa, que denuncia a dimensão de uma “perda”, de uma “falha” inerente ao ato de nomear, na nomeação pode estar em jogo ainda uma outra não coincidência, qual seja, a interdiscursiva. Esta nos impele a reformular aqui a questão que levantamos com *Ibyapaba*: afinal, quem tem o direito de nesse imaginário nomear?

Há singularidades que distinguem este verbete recortado de *O Guarani* dos demais e que devemos de imediato anunciar. *Saio de algodão* não é uma palavra, mas um sintagma. *Saio de algodão* não traz à baila uma outra língua marcada pela nota como corpo estranho à escrita em língua portuguesa. Posto isso, vamos ao verbete:

PAG. 19.

**Saio de algodão.** — Referem os chronistas que muitas tribus indias fiavão o algodão para vestir-se, fazer redes e outros objectos. No « Diccionario da Lingua Brasilica » encontramos a palavra « guarina » significando « camizas, gibão. » Isto nos autorizou a apresentar um selvagem assim trajado, sem faltar em nada á verdade; devendo-se notar que os Goytacazes erão uma das nações mais industriosas.

Fonte: Alencar (1857, notas, p. I.)

Entrada – comentário – definição/tradução – comentário. É esse o percurso com o qual nos deparamos no verbete em análise, percurso a partir do qual o sintagma de entrada é primeiramente decomposto ([saio] /de/ [algodão]) para em seguida ser recomposto ([saio de algodão]), reiterando a ilusão de transparência da linguagem e das línguas.

O primeiro comentário volta-se sobre o significante *algodão*. Nele, tem-se, por meio do discurso indireto, uma representação de um discurso (de) outro (RDO) (AUTHIER-REVUZ, 2020), a saber, o dos *chronistas*, viajantes que se aventuravam nas terras desconhecidas e cujos relatos tinham no século XIX, como dito anteriormente, *status* científico.<sup>32</sup> A despeito de a alteridade ser aqui referida de forma genérica, o que nos impede de ir à fonte, interessa-nos o que com ela está em jogo no plano constitutivo: o discurso da história sobre a cultura indígena – discurso esse representado, não só como evidente e unísono (*como é sabido, todos os cronistas se referem...*), mas também como generalizante, uma vez que apaga a alteridade das chamadas *tribus índias* (*muitas tribos fiavam algodão para...*)

A definição, por sua vez, volta-se sobre *saio*. Nela, mobilizando-se um exterior identificado, qual seja, o *Diccionario da língua brasilica*,<sup>33</sup> estabelece-se uma equivalência entre esse significante e *guarina*, palavra que, segundo o dicionário citado, significaria *camizas, gibão*. Tem-se aqui, diferentemente do que ocorreu no primeiro comentário, uma modalização autonímica sob a forma de ilha textual (AUTHIER-REVUZ, 2000, 2001). Em Alencar, ao se dizer sobre a língua indígena, não se diz apenas *sobre* as palavras do outro, o lexicógrafo-autor do *Diccionario da língua brasilica*, mas, filiando-se ao discurso dicionarístico, diz-se *com* palavras outras.

O discurso indireto, ao simular a tradução de um dizer (de) outro, tem como efeito a produção de um imaginário de fidelidade não às palavras, mas ao conteúdo relatado. As ilhas textuais – pontos de alteridade delimitados pelas aspas no fio do dizer que remetem a uma exterioridade, o discurso dicionarístico – produzem um efeito de objetividade e de literalidade dos fragmentos do dizer convocado. Em ambos os casos, o dizer mobilizado diz do lugar da ciência. Em ambos os casos, a mobilização desses dizeres tem como efeito a atribuição de legitimidade ao dizer de Alencar sobre o índio – legitimidade esta

---

<sup>32</sup> Segundo Orlandi (2008), no século XIX vê-se um grande número de reedições de relatos de missionários e viajantes europeus sobre o Brasil. Esses relatos, como demonstra a autora em suas análises, uma vez que se apresentam, ao mesmo tempo, como lugar de conhecimento e como manifestação literária, constituem-se como uma forma de produção carregada de ambiguidade na qual verdade e mentira se tensionam.

<sup>33</sup> Língua brasilica ou língua geral era o nome por meio do qual era genericamente chamado no início da colonização, conforme Mariani (2004), o Tupinambá ou Tupi antigo, língua falada na costa brasileira.

reiterada no comentário final no qual o sintagma *saio de algodão* é, por fim, recomposto com a conclusão de um raciocínio silogístico constituído não por duas, mas por três premissas,<sup>34</sup> como demonstramos a seguir:

Premissa A → *Referem os chronistas que muitas tribus indias fiavão o algodão para vestir-se...*

Premissa B → *No “Diccionario da Lingua Brazilica”, encontramos a palavra “guarina” significando “camizas, gibão”.*

Premissa C → *... os Goytacazes erão uma das nações mais industriosas.*

Conclusão → *Logo... isto nos autorisou a apresentar um selvagem [goitacá]<sup>35</sup> assim trajado [isto é, de saio de algodão], sem faltar em nada á verdade.*

Algumas observações aqui devem ser feitas. Em primeiro lugar, não foi possível encontrar as fontes citadas por Alencar nesse verbete. No caso dos relatos dos viajantes, porque, como dito, a referência se dá de forma genérica. Quanto ao *Diccionario da Lingua Brazilica*, encontramos com esse nome um manuscrito anônimo tupi-português do século XVIII,<sup>36</sup> mas nele não há o verbete *guarina*. Imaginando que talvez tivesse havido um equívoco em relação ao nome da obra citada, ampliamos nossa investigação, buscando o verbete *guarina* também em outros vocabulários e dicionários em circulação nas condições de produção em questão. No *Vocabulário da Língua Brasileira*, manuscrito anônimo português-tupi

<sup>34</sup> Nessas premissas, o interdiscurso se faz significar de diferentes formas. Na A e na B, como vimos, com a identificação de uma alteridade, genérica ou específica, está em jogo a mobilização do dizer da ciência. Na premissa C, diferentemente, uma vez que não há identificação de uma alteridade que responderia como fonte do dizer, tem-se a irrupção de um pré-construído que se coloca como uma evidência na qual opera a ilusão de transparência da linguagem: *todo mundo sabe que os Goytacazes eram uma das nações mais industriosas*.

<sup>35</sup> Trata-se de Peri. É a primeira vez em que ele aparece na Segunda Parte do romance para, heroicamente, salvar Cecília da morte: “De pé, fortemente apoiado sobre o respaldo estreito que formava a rocha, um selvagem coberto com um ligeiro saio de algodão, mettia o horabro á uma lasca de pedra que se desencravára do seu alveolo, e ia rolar pela encosta” (ALENCAR, 1857, p. 19).

<sup>36</sup> Disponível em: [https://bdigital.sib.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-94/UCBG-Ms-94\\_item1/index.html](https://bdigital.sib.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-94/UCBG-Ms-94_item1/index.html). Acesso em: 23 set. 2020.

produzido pelos jesuítas do século XVI-XVII,<sup>37</sup> não há também registro dessa palavra. Ela comparece, todavia, no *Dicionário da língua geral no Brasil*, de 1771, como sinônimo de *casaca* e, ao lado de *goarina* e *sayo* ou *saio*, em outros dicionários do português também produzidos por europeus no século XVIII e início do século XIX (BARROS; LESSA, [1771] 2015).

Em Bluteau (1712/1720, p. 436), *sayo* aparece como sinônimo de *saia*. Não há o registro da palavra *guarina*, apenas o de *goarina*, definida nos seguintes termos: “Era huma roupetona que dava pelos juelhos, fechada por todas as partes, & aberta por diante, a moda das que trazem em algumas partes os Carneiros” (BLUTEAU, 1712/1720, p. 85). Na reedição ampliada desse dicionário publicada por Silva, em 1789, passa a comparecer, para *saio*, antecedendo ao significado de *saia*, o de “vestidura antiga, espécie de roupa larga, ou casacão usado na guerra; e depois na paz dos cavalheiros” (BLUTEAU; SILVA, 1789b, p. 367). A definição de *goarina* comparece de forma mais enxuta – “roupeta aberta por diante, que dava pelo juelho” (BLUTEAU; SILVA, 1789a, p. 661) – e é incluída a entrada *guarina* – “túnica militar curta” (BLUTEAU; SILVA, 1789a, p. 674). Na reedição de 1813 desse dicionário, assinada somente por Silva, todos os verbetes comparecem sem alteração, salvo o acréscimo, no final da definição de *goarina*, da seguinte indicação: “melhor *guarina*” (SILVA, 1813, p. 90).

Três breves comentários sobre esses comparecimentos se fazem necessários. Em primeiro lugar, eles atestam que *saio*, *sayo*, *goarina*, *guarina* eram significantes em circulação quando da formulação de *O Guarani*. Em segundo lugar, é interessante observar como esses comparecimentos mostram, por meio do funcionamento parafrástico, o deslocamento e a progressiva aproximação, a partir da filiação a uma formação discursiva militar, entre os sentidos de *saio*, casacão de guerra usado pelos cavalheiros europeus, e *guarina*, túnica militar curta. Em terceiro lugar, importa observar que essa circulação não se dá sem disputa, disputa entre o significante europeu e o que é posto como indígena, mas também entre as duas formas de se grafar este último, com preferência por uma delas, aquela cujo significado historicamente aproximou-se do associado ao significante europeu.

Lembremos que é o significante europeu, e não o indígena, que comparece no corpo do romance de Alencar. Lembremos ainda que o

---

<sup>37</sup> Disponível em: [http://purl.pt/28813/4/1-12470-v\\_PDF/1-12470-v\\_PDF\\_24-C-R0150/1-12470-v\\_0000\\_capa-capa\\_t24-C-R0150.pdf](http://purl.pt/28813/4/1-12470-v_PDF/1-12470-v_PDF_24-C-R0150/1-12470-v_0000_capa-capa_t24-C-R0150.pdf). Acesso em: 23 set. 2020.

significante dito indígena comparece à margem, após a segunda parte do romance, na nota de fim, fazendo funcionar, por meio da ilusão de possibilidade de tradução, em que os dois significantes são tomados como equivalentes, o imaginário de transparência das línguas e de correspondência entre os dois mundos. Na esteira de Mariani (2004, p. 30), consideramos que, com o estabelecimento de denominações, tomadas aqui enquanto produto do processo de construção discursiva de referentes, para o que se toma por cor local, “organiza-se uma taxionomia semântica a partir da representação linguística para os termos indígenas, misturados a termos provenientes do colonizador”, através da qual “sítios de significação são codificados em termos do domínio de pensamento” deste, e não do índio, que, em *O Guarani*, como vimos, se traça então à semelhança de um cavaleiro medieval. Em Alencar, essa taxionomia semântica, como tem demonstrado nossas análises, se dá por meio da mobilização do dizer da ciência. Esta, de acordo com Orlandi (2008, p. 67), ao lado da política e da religião, consiste num dos modos de “domesticar a diferença”. Por meio do conhecimento dito científico, apaga-se a identidade do índio enquanto cultura diferente e constitutiva da identidade nacional. Diz a autora:

A ciência torna o índio observável, compreensível, e sua cultura, legível; o indigenismo se torna administrável (...). Diremos, pois, que a compreensão amansa o conceito índio (...). Essa domesticação representa o processo pelo qual ele deixa de funcionar, com sua identidade, na constituição da consciência nacional. (ORLANDI, 2008, p. 57)

Sigamos com a análise de um último verbete.

#### 4.5 Inubia

Assim como vimos nos verbetes anteriores, em *inubia*, de *Iracema*, a nota-glossário nos diz da cultura indígena, notadamente de um artefato bélico. Leiamos a nota:

Pag. 42. —*Inubia*. — Trombeta de guerra. Os indígenas, segundo Lery, as tinham tão grandes que medião um deametro na abertura.

Fonte: Alencar (1865, p. 174.)

Também assim como vimos nos demais verbetes, um certo conhecimento sobre a “cor local” é dado a saber por meio da mobilização da voz de um estrangeiro, um viajante europeu, o pastor calvinista e missionário francês Jean de Léry, que esteve no Brasil no século XVI. Segundo Orlandi (2008), em Léry ([1578]1880), a função colonizadora e a catequese estão associadas a uma certa prática científica através da qual o índio, sua língua e sua cultura são observados e descritos. É, pois, mais uma vez o discurso da ciência que se faz significar aqui.

Nesse verbete, observamos pelo menos três voltas metaenunciativas. A nota é composta de duas partes: uma primeira em que há uma tradução da palavra dita indígena, corpo estranho que comparece alusivamente no romance e que funciona como entrada do verbete na nota,<sup>38</sup> e uma segunda em que o discurso outro é retomado, nos termos de Authier-Revuz (2000, 2001), por meio de uma modalização. A nota volta-se sobre a palavra de entrada recortada do corpo do romance. O comentário volta-se sobre a tradução – gesto de interpretação de Alencar sobre o dizer de Léry – legitimando-a. Ainda no comentário, o sintagma “segundo Lery” volta-se sobre o enunciado modalizando-o. O efeito desses enlaces estabelecidos no fio discursivo é a ilusão de desopacificação da palavra posta como indígena, ilusão esta produzida à medida que ocorre a construção discursiva do seu referente (MARIANI, 2004).

Mobilizado por meio da forma de modalização que Authier-Revuz (2000, 2001) nomeia como discurso segundo sobre o conteúdo, o dizer de Léry é tomado como empréstimo, como fonte do enunciado com o qual e a partir do qual Alencar, inscrevendo-se na posição escritor-lexicógrafo, diz sobre “as coisas do Brasil”. Em nosso gesto retrospectivo, com vistas a compreender o funcionamento da função-autor que organiza as notas-glossários aqui analisadas, buscamos a passagem de Léry ([1578]1880) em que o dizer se volta sobre o significante *inubia*:

---

<sup>38</sup> Sobre o funcionamento das notas, cabe ressaltar aqui, com Authier-Revuz (2011, p. 17), que, na relação estabelecida entre o corpo do romance e as notas, no caso de fim, faz-se significar, como está sendo possível observar a partir das nossas análises, “o jogo solidariamente interlocutivo e interdiscursivo da alusão”. De acordo com essa autora, as notas, repatriam a exterioridade do já-dito representado no dizer que havia comparecido no corpo do texto alusivamente “à convivência de um compartilhamento de memórias”.

...  
 nent : à fin d'avertir & tenir les autres en cervelle,  
 il y en a toujours quelques-uns, qui avec des cornets,  
qu'ils nomment Inubia, de la grosseur & longueur  
 d'une demie pique, mais par le bout d'embas large  
 d'environ demi pied comme un haubois, fonnent au  
 milieu des troupes. Mefmes aucuns ont des fifres

Fonte: Lery ([1578] 1880, p. 35, grifo nosso.)

Trata-se de uma passagem em que se diz sobre os armamentos terrestres e navais dos tupinambás. Nesse dizer, é pela ótica do estrangeiro que o então mundo desconhecido é significado. “Escrever sobre a nova terra – diz Mariani (2004, p. 66) sobre os relatos dos viajantes produzidos no século XVI – era uma forma de fazer o pensamento europeu apropriar-se dela através de suas próprias categorias”. Nesse movimento, o significante *inubia*, também corpo estranho na escrita francesa, é marcado, delimitado, com itálico: “avec des cornets, qu’ils nomment *Inubia*”.

Escrito por um francês para leitores, a princípio, franceses, no relato de Léry ([1578] 1880), o outro é o indígena. Assim, por meio de um trajeto centrífugo, do que se coloca como interior para o exterior, promove-se, por acréscimo da palavra indígena, conforme Authier-Revuz (2000, p. 344), “uma excursão em território estrangeiro”, que só é possível porque a nomeação está de antemão assegurada no interior, ainda que ilusoriamente. Manifesta-se, assim, no plano da representação, a não coincidência interlocutiva de que nos fala a autora – nós (europeus) x eles (indígenas) – e, no plano da constituição, por meio da mobilização da língua indígena como discurso associado, a não coincidência interdiscursiva – nós dizemos *cornet*, eles dizem *inubia*. As duas palavras, porém, também não coincidem: *inubia não é exatamente cornet*. Faz-se, pois, necessário dar continuidade à explicação, lançando mão de descrições – *de la grosseur & longueur d’une demie pique...* – e comparações – *comme un haubois*. Assim, partindo-se de uma semelhança – *cornets* –, busca-se tornar o diferente, o desconhecido – *inubia* – conhecido, familiar, e contornar, por meio da gestão dos sentidos, “a opacidade da nova terra” (MARIANI, 2004) e da(s) língua(s). A diferença é, pois, como pontua Mariani (2004, p. 71-72), colocada ao lado da semelhança “como uma espécie de complemento, de complementação de um sentido já configurado, ainda que vagamente”.

Há ainda um último ponto que gostaríamos de observar sobre o dizer de Léry ([1578] 1880). Assim como vimos em *carbeto*, também

aqui o significante da língua indígena, ouvido pelo viajante estrangeiro, é transcrito (ORLANDI, 2008), apreendido, numa língua escrita europeia, o francês. Conforme Mariani (2004, p. 78), essa apreensão, que tem como efeito a construção de “um simulacro” desse encontro com a oralidade da língua indígena, produz a transformação, quer fonética, quer semântica, das palavras e expressões dessa língua. Escrevê-las como soam é “trabalhar uma sua imagem fora da sua história, de seu modo de existência” – diz Orlandi (2008, p. 101). É apagar a alteridade, promovendo “a redução do outro ao um” (ORLANDI, 2008, p. 101). E é – faz preciso lembrar – por meio da língua francesa escrita, e não diretamente da língua indígena, que a palavra *inubia* e os sentidos a ela filiados a partir da posição do viajante europeu chegam a Alencar. Eis, pois, aí a contradição: “o brasileiro se cria pelo fato de fazer falarem os outros” (ORLANDI, 2008, p. 25).

Nessa formação imaginária em que circulam sentidos de nação e sujeitos nacionais, embora se diga do índio para dizer do brasileiro, o índio não tem voz. Se a ele se atribui uma fala, dele ela não é escutada. O índio não é incluído. O índio não é brasileiro (cf. LEAL, 2012).

## 5 Palavras finais

Lendo as notas de Alencar, garimpando palavras e perseguindo os seus trajetos de leitura, ao analisar o horizonte de retrospecto projetado nas notas de *Iracema* e *O Guarani*, pudemos observar o encontro entre o que estamos indicando como Alencar-leitor, pesquisador de gabinete, e como Alencar-autor, escritor romântico. Fez-se possível observar como a história das leituras produzidas pelo Alencar-leitor se fizeram significar em seu gesto de autoria, como sentidos filiados a diferentes posições discursivas são mobilizados e alinhavados no dizer sobre a língua, que é também um dizer sobre a chamada “cor local”.

Posição-sujeito lexicógrafo, posição-sujeito tradutor, posição-sujeito cientista foram algumas das posições que pudemos depreender com a análise das notas nos romances em cena. Posto em outros termos, podemos agora dizer que a posição lexicógrafo não é sem as duas outras e, indo adiante, diremos ainda que decorrem do gesto de autoria sobre a língua. Colombat, Fournier e Puech nos lembram que “a língua não está diante daquele que se propõe a descrevê-la ou a ‘reduzi-la em regras’ como um objeto bem delimitado que lhe seria suficiente delimitar e explorar” (2017, p. 166, aspas dos autores), e, continuando, as gramáticas e os dicionários

funcionam de modo a fabricar uma língua (COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2017, p. 166). Mas não são apenas estes instrumentos linguísticos a funcionarem de tal modo. Glossários também o fazem e, considerando as condições de produção das notas no cenário brasileiro do século XIX (de ausência de dicionários, como indicado no início deste artigo; do lugar do escritor e de seu gesto sobre a língua; e ainda de circulação do romance – afinal, produção de conhecimento não se faz sem sua circulação), podemos arriscar nossa hipótese de que as notas de Alencar em seus romances também funcionam de modo senão a construir ao menos a colaborar na construção de uma língua que se quer nacional.

É já deveras conhecido um fragmento de Auroux e, ainda assim, precisamos retomá-lo aqui:

Todo conhecimento é uma realidade histórica, sendo que seu modo de existência real não é a atemporalidade ideal da ordem lógica do desfraldamento do verdadeiro, mas a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber. Porque é limitado, o ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção (Auroux, 1987b), assim como um horizonte de projeção. O saber (as instâncias que o fazem trabalhar) não destrói seu passado como se crê erroneamente com frequência; ele o organiza, o escolhe, o esquece, o imagina ou o idealiza, do mesmo modo que antecipa seu futuro sonhando-o enquanto o constrói. Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber. (AUROUX, 1992, p. 12)

Fomos em busca deste passado que se inscreve nas notas dos romances; fomos em busca do horizonte de retrospecção que se fazia registrar pelas fontes indicadas. E nos deparamos com o horizonte de projeção; afinal, o horizonte de retrospecção não se descola do horizonte de projeção. No caso, nos defrontamos com um projeto de nação que passa pela transmissão de saberes, com sua reelaboração, e pela forja da língua; daí o que assinalamos como gesto de autoria. Um gesto que não se dá sem outros dizeres e saberes; que não é sem o outro.

Nas notas, saltam aos olhos as inúmeras vozes que se entrelaçam no fio do discursivo. Para persegui-las e compreendê-las, lançamos mão ainda do aparato teórico de Authier-Revuz (1997, 1998, entre outros textos indicados na bibliografia). São, pois, heterogeneidades marcadas por meio da qual a heterogeneidade constitutiva de todo e qualquer dizer se permite representar, na ilusão fundante do sujeito de poder

separar o que é de si e o que é do outro. Trouxemos (e nos debruçamos analiticamente sobre) as diversas alteridades convocadas para construir (seja de forma a atestar ou a refutar) os saberes dispostos nas notas. É hora de falar do outro a partir do qual se fala mas que não se faz falar: o elemento indígena, que serve à “cor local”, que serve à construção de nação e de língua. Mas de cuja voz no dizer de Alencar só há pistas...

E isto porque, como foi possível depreender a partir de nossas análises, embora se diga do índio para dizer da chamada “cor local”, por meio da mobilização do discurso científico – sobretudo o produzido a partir de uma posição naturalista –, o elemento indígena é silenciado. Na “luta entre o espírito conterrâneo e a invasão estrangeira” (ALENCAR, 1857, p. 23) a partir da qual se diz formar “a nova e grande nacionalidade brasileira” (ALENCAR, 1857, p. 22), vence o elemento europeu. É, portanto, contraditoriamente, a partir do seu olhar – que é o olhar do colonizador, não podemos esquecer – que se diz sobre as coisas do Brasil, significando-as no seu domínio de pensamento e, com isso, apaziguando as diferenças à medida que o outro – o elemento indígena – é reduzido ao um.

### **Declaração de contribuição de cada autor**

A realização do artigo compreendeu busca de fontes, recorte, análise e escrita. Raphael Mendes procedeu ao primeiro levantamento e catalogação de fontes. Thaís Costa procedeu a um segundo levantamento de fontes em função do que já tínhamos lido e do que ainda nos interessava investigar. O cotejo e confirmação dos dados foram feitos por Vanise Medeiros e por Thaís Costa. A partir daí, nós três fizemos várias reuniões de leitura para seleção dos verbetes e recortes. Mapeamos pontos que nos interessavam atacar e fizemos roteiros de análise. Dividimos a escrita do artigo em algumas partes, e cada um começou a escrever uma parte, intervindo na escrita do outro quando necessário. Grosso modo, a Raphael Mendes coube a descrição da montagem do arquivo; a Thaís Costa e Vanise Medeiros, a análise dos verbetes. Este foi um trabalho tecido de fato a seis mãos.

### **Agradecimentos**

Vanise Medeiros agradece ao CNPq (PQ, Proc. 305428/2018-7) e à Faperj CNE (Proc. n.º E-26/211.459/2019) a concessão de bolsas de pesquisa. Raphael Mendes agradece ao CNPq (projeto 305428/2018-7) a concessão da bolsa de iniciação científica.

## Referências

- ALENCAR, J. de. Benção paterna (Prefácio). In: ALENCAR, J. de. *Sonhos d'Ouro*. São Paulo: E-book Brasil, [1872] s/d. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/sonhosdoro.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.
- ALENCAR, J. de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Typ. de Viana & Filhos, 1865.
- ALENCAR, J. de. *O Guarani*. Rio de Janeiro: Empreza Nacional do Diario, 1857.
- ALENCAR, J. de. Posfácio. In: ALENCAR, J. de. *Iracema: lenda do Ceará*. 2. ed. [1870]. [s.l.]: Editora Klick, [s.d.].
- AUROUX, S. *A escrita: Filosofia da Linguagem*. Campinas: Unicamp, 1998.
- AUROUX, S. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Unicamp, 1992.
- AUTHIER-REVUZ, *La Représentation du Discours Autre*. Principes pour une description. Berlin; Boston: De Gruyter, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110641226>
- AUTHIER-REVUZ, J. Dizer ao outro no já-dito: interferências de alteridades – interlocutivas e interdiscuriva – no coração do dizer. *Letras Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 6-20, 2011.
- AUTHIER-REVUZ, J. Modalisation par discours autre et bivocalité. In: TOMASSONE, R. (org.). *Une langue: le français*. Paris: Hachette, 2001. p. 199-201.
- AUTHIER-REVUZ, J. Duas palavras para uma coisa: trajetos de não-coincidência. *Universa*, Brasília, v. 8, n. 2, p. 333-359, 2000.
- AUTHIER-REVUZ, J. Algumas considerações sobre modalização autonímica e discurso outro. *Letras de hoje*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 7-30, 1999.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. Falta do dizer, dizer da falta: as palavras do silêncio. In: ORLANDI, E. P. (org.). *Gestos de leitura*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 257-280.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 19, p. 24-42, 1990.

BARROS, C.; LESSA, A. L. (org.). *Dicionário da língua geral no Brasil (1771)*. Belém: MPEG, 2015.

BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez e latino*. Coimbra: Real Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712/1720.

BLUTEAU, R.; SILVA, A. M. *Diccionario Língua Pôrtugueza*. Composto pelo padre d. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo primeiro (A-K). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789a.

BLUTEAU, R.; SILVA, A. M. *Diccionario Língua Pôrtugueza*. Composto pelo padre d. Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Tomo segundo (L-Z). Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789b.

CASAL, M. A. de. *Corografia Brasílica ou Relação Histórica e Geográfica do Reino do Brasil*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, [1817] [s.d.].

CASSIN, B. *Plus d'une langue*. Paris: Bayard Éditions, 2012.

CITELLI, A. *Romantismo*. 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1990.

COLOMBAT, B.; FOURNIER, J.M.; PUECH, C. *Uma história das Ideias Linguísticas*. São Paulo: Contexto, 2017.

COSTA, T. de A. *Discurso gramatical brasileiro: permanências e rupturas*. Campinas: Pontes, 2019.

D'EVREUX, Y. *Voyage dans le nord du Brésil*. Leipzig; Paris: Librairie A. Franck, 1864.

FLAHAUT, F. *La parole intermediaire*. Paris: Ed. Du Seuil, 1978. DOI: <https://doi.org/10.3917/ls.flaha.1978.01>

LEAL, M. S. P. *Raposa Serra do Sol no discurso político roraimense*. Boa Vista: Editora UFRR, 2012.

- LÉRY, J. de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil*. Paris: Alphonse Merre, [1578] 1880.
- LISBOA, B. S. *Annaes do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. e Const. de Seignot-Plancher e Ca, 1834.
- MARIANI, B. *Colonização Linguística*. Campinas: Pontes, 2004.
- MARTIUS, C. F. P. *Wörtersammlung Brasilianischer Sprachen*. Glossaria linguarum Brasiliensium: Glossarios de diversas lingoas e dialeotos, que fallao os Indios no imperio do Brazil. Leipzig: Friedrich Fleischer, 1867.
- MEDEIROS, V. Notas de rodapé. In: MEDEIROS, V. et al. (org.). *Almanaque e fragmentos: ecos do século XIX*. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 213-217
- MEDEIROS, V. Os homens fazem... mas...: língua e sujeito: uma reflexão em três tempos. In: FERRARI, A.; SCHERER, A.; MARIANI, B.; CAMPOS, L. (org.). *Discurso, interlocuções e...* Caxias do Sul; Educus, 2019a. p 2017-222.
- MEDEIROS, V. A retórica da mediação: dois momentos. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 19, n. 2, p. 355-371, 2019b. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-190208-8118>
- MEDEIROS, V. Língua e sujeito na captura da palavra. In: NUNES, S. R.; SILVA, A. R. da; KARIM, J. M.; MOTTA, A. L. A. (org.). *Sujeito e memória: lugares constitutivos*. Campinas: Pontes, 2016. p. 255-270.
- NUNES, J. H. Dicionários: história, leitura e produção. *Revista de Letras*, Brasília, v. 3, n. 1/2, p. 6-21, 2010.
- NUNES, J. H. O discurso documental na História das Ideias Linguísticas e o caso dos dicionários. *ALFA*, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 81-100, 2008.
- NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil*. Campinas: Pontes Editores; São Paulo, São José do Rio Preto: FAPESP, 2006.
- NUNES, J. H. Definição lexicográfica e discurso. *Revista Língua e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 11, p. 9-30, 2003.
- NUNES, J. H. Dicionarização no Brasil: condições e processos. In: NUNES, J. H.; PETTER, M. (org.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: USP/FFLCH; Humanitas; Campinas: Pontes Editores, 2002.

NUNES, J. H. Aspectos da Forma Histórica do Leitor Brasileiro Na Atualidade. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 1998.

NUNES, J. H. *Formação do Leitor Brasileiro*: imaginário da leitura no Brasil Colonial. Campinas: Unicamp, 1994.

ORLANDI, E. *Interpretação*: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ORLANDI, E. *Língua brasileira e outras histórias*. Campinas: RG Editores, 2009.

ORLANDI, E. *Terra à vista – discurso do confronto*: velho e novo mundo. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

ORLANDI, E.; GUIMARÃES, E. Formação de um espaço de produção linguística: a gramática no Brasil. In: ORLANDI, E. (org.). *História das ideias linguísticas*: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes; Cáceres: Unemat Editora, 2001. p. 21-38.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio [1975]. 4. ed. Trad. Eni Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

SILVA, A. M. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Recopilado dos Vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado, e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Laceroina, 1813.

SOUZA, G. S. de. *Tratado descritivo do Brazil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.